

Sexualidade e educação sexual

Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Doutora em Educação. Professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Unesp – Bauru.

Introdução

A sexualidade está presente em todos nós! Todo ser humano vive e cresce desenvolvendo sua sexualidade a partir das mudanças ocorridas ao longo do desenvolvimento: o crescimento e amadurecimento do corpo físico, as práticas sexuais e reprodutivas, a orientação sexual e o erotismo, os vínculos amorosos, entre outras mudanças. Certamente, o que somos hoje, em relação à expressão da nossa sexualidade, é bem diferente do que fomos quando crianças e do que seremos no final da vida.

Muitas ações influenciam o modo como a sexualidade é vivenciada em nosso desenvolvimento: se somos homens ou mulheres, se temos ou não um corpo físico íntegro, se passamos ou não por doenças crônicas e graves, se tivemos ou não condições de receber afeto e cuidados na infância, se pudemos crescer em um ambiente não violento e agressivo, se vivemos ou não relações de amizade e amor satisfatórias, se vivenciamos ou não uma educação sexual repressora e conservadora na família, se fomos ou não bem informados sobre sexualidade e suas condições adversas.

Todos os valores e informações sobre sexualidade que dispomos hoje não são coisas que nascem conosco, mas algo que aprendemos em todos os meios em que vivemos, desde o nascimento: o modo como nos tratam e falam conosco, as mensagens explícitas do nosso ambiente e a forma como experienciamos nossas sensações corporais e subjetivas.

Embora a sexualidade seja um tema tabu em muitas sociedades - e ainda é na nossa -, é algo “natural”, ou seja, é apenas mais um aspecto do nosso desenvolvimento humano, assim como o cognitivo e o físico.

Da mesma forma que os pais, o professor também precisa estar atento às questões da sexualidade manifestadas em todos os alunos e alunas no contexto escolar.

É sobre isso que iremos dialogar nesse texto.

1 O conceito de sexualidade

Sexualidade é o nome que damos para o aspecto da vida humana que inclui as sensações corpóreas e subjetivas que envolvem, também, as questões emocionais. Claro que não dá para separar a emoção, a razão, a cognição e as questões sociais, o que torna a sexualidade um conceito abrangente, que diz respeito a várias manifestações e não somente a sexo. Quando falamos de sexo, nos referimos às práticas sexuais ou à relação sexual, isto é, um comportamento que envolve as questões genitais. Também falamos de sexo para categorizar pessoas em machos e fêmeas, mas isso seria mais um dos componentes da sexualidade.

Figura 1 – Componentes da Sexualidade Humana



O sexo faz parte da sexualidade, que é um fenômeno bem abrangente! Tendo ou não relações sexuais, todo mundo sempre será uma pessoa “sexuada”, pois todas as pessoas, independentemente de quais condições, são seres dotados de sexualidade. Assim, são capazes de sentir o bem-estar, diante de sensações prazerosas táteis, sensações confortantes diante da afetividade e acolhimento amoroso, vindo de relacionamentos conjugais ou mesmo fraternos ou de amizade. Dar e receber carinho é bom! Sentir-se amado e querido é bom! Receber um abraço afetuoso de quem confiamos e gostamos é muito bom! Isso tudo é sexualidade.

2 A sexualidade no desenvolvimento humano

A sexualidade se manifesta ao longo de toda a nossa vida, desde que nascemos, na infância, na adolescência, na juventude, na vida adulta, na maturidade e no envelhecimento. A forma como isso ocorre varia de pessoa para pessoa e de diferentes condições vinculadas a diferentes contextos, como, por exemplo, o contexto social e econômico (diferentes culturas e momentos históricos), o contexto familiar (valores morais e religiosos), o contexto subjetivo (questões emocionais e cognitivas), entre outras.

Na infância, a sexualidade se expressa por meio de curiosidades, questionamentos, exploração do próprio corpo e do outro, reconhecimento das diferenças sexuais. É o erotismo infantil marcado pelo diálogo sobre sexo, ocorrências de masturbação individual e jogos ou brincadeiras sexuais. O que caracteriza essa fase é a exploração do seu corpo e do outro, ainda não contaminados pelas regras sociais. Nem sempre a criança sabe as regras que regem as possibilidades desse conhecimento, ou seja, o que pode fazer ou não.

A adolescência, fase que começa na puberdade e termina quando se assumem papéis de adultos, é um período muito importante para a sexualidade, pois é quando descobrimos e vivenciamos nossas escolhas amorosas e sexuais e nos reconhecemos como sujeitos sexuados no mundo. Nessa fase, reconhecemos nossa identidade pessoal, assumindo nossos desejos e forma de sentir e amar. Enfim, nos preparamos para a vida adulta no que diz respeito à independência emocional e afetiva. A partir dos contextos supracitados nos apropriamos de muitas das regras sociais que regem a questão da sexualidade.

O adulto (já com o corpo físico desenvolvido) precisa enfrentar novos desafios da sexualidade: o cuidado de si e do outro, a maternidade e a paternidade, a possível relação conjugal, as experiências mais amadurecidas da resposta sexual (desejo, excitação, orgasmo), escolha das práticas sexuais e as manifestações e as condições da identidade sexual que nem sempre condizem com as regras e padrões definidos pela sociedade.

No envelhecimento, o corpo, que nunca deixa de ser sexuado, passa por transformações, pois deixa de ser reprodutivo, o que implica em uma série de mudanças para homens e mulheres. As mulheres vivem o climatério quando várias mudanças ocorrem devido à redução da taxa hormonal: ressecamento da vagina, perda da sensibilidade, ondas de calor, instabilidade emocional, perda da elasticidade da pele, menopausa (última menstruação).

Os homens também têm redução hormonal, embora mais gradual, demoram mais para ter ereção, diminui a ejaculação, perdem força física etc. Todas essas mudanças no corpo, hoje bem remediadas pelos avanços da medicina, não impedem que as pessoas, até o final da vida, possam amar, ter relações sexuais e a viver plenamente a vida erótica, se assim desejarem.

Figura 2 – Desenvolvimento humano



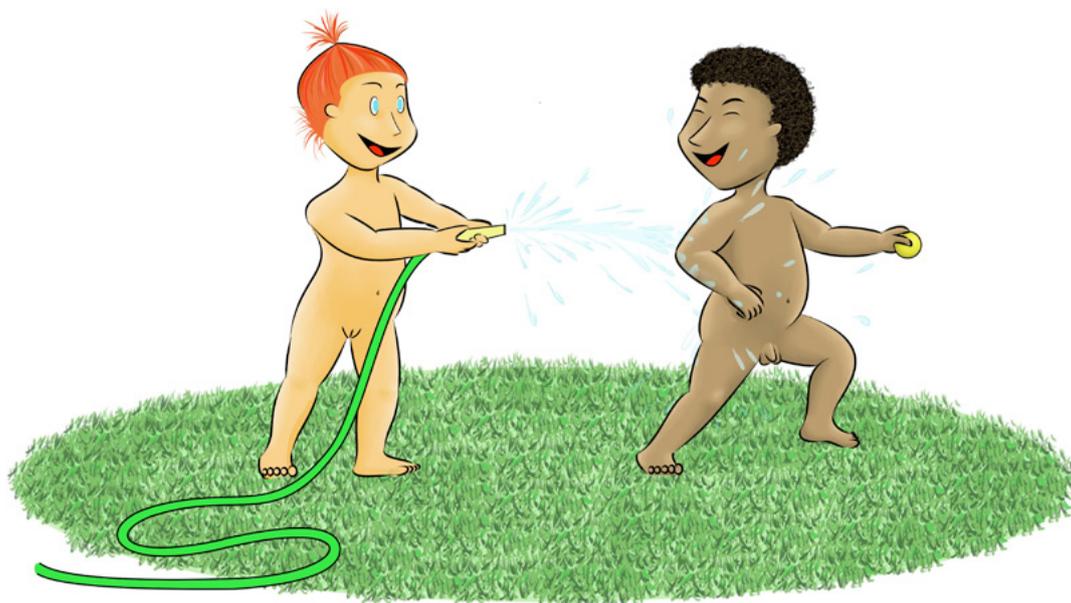
Ao longo do desenvolvimento humano vamos construindo o sentido da nossa sexualidade, que é influenciada pelos padrões culturais e históricos no processo interpessoal que chamamos de socialização.

Assim, a socialização primária é importante na construção dos nossos valores sexuais, e a infância é um período da vida importante para o aprendizado e a vivência da sexualidade. Desse aprendizado, compreendem-se muitas manifestações sexuais que teremos na adolescência, na vida adulta e no envelhecimento, pois ao longo de toda a vida muitos desses aprendizados vão direcionar o modo como vivemos nossa sexualidade: mais favorável, mais prazerosa, positiva ou não.

Vamos falar mais sobre a sexualidade no desenvolvimento infantil e adolescente.

2.1 Sexualidade na Infância

Figura 3 – Crianças brincando



A publicação da obra de Sigmund Freud, *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905, foi um importante marco na compreensão de que as crianças não eram seres assexuados, mas, ao contrário, viviam em corpos dotados de desejos, prazeres e muita curiosidade, defendendo, inclusive, a importância e o direito delas serem esclarecidas sobre os “mistérios da vida”, ou seja, que deveriam receber educação sexual já desde a infância.

A partir de Freud, compreendemos que o corpo erótico existe desde o nascimento e o prazer relacionado a ele não se concentra apenas nos genitais. A expressão do erotismo ocorre por meio do que ele chamou de “zonas erógenas”, que seriam partes do corpo em que a estimulação gera sensações prazerosas. Crianças bem pequenas vivenciavam o prazer erógeno, no contato da boca com objetos (chuchar, mamar etc.), no ato de defecar (reter e controlar as fezes), nos comportamentos masturbatórios e a eleição das zonas erógenas principais tendem a ser modificadas ao longo do desenvolvimento.

É importante ressaltar que reconhecer a criança como sexuada não quer dizer que ela expressa a sexualidade genital adulta. Mesmo que ela sinta prazer nesses comportamentos eróticos, ela não o faz de modo adulto, com fantasias sexuais adultas, nem mesmo sob o controle da repressão social. Em decorrência disso, observa-se que a maior dificuldade em lidar com as manifestações sexuais na infância ocorre por parte do adulto, que interpreta a sexualidade nas crianças a partir de suas próprias dificuldades ou não, ou seja, da sua história de educação sexual ao longo da vida.

Os sons, cheiros, sensações táteis, emoções diante de afeto e aconchego são importantes expressões da sexualidade após o nascimento. O erotismo infantil se expressa mais enfaticamente a partir dos dois anos, quando há o controle esfíncteriano e o corpo da criança fica mais exposto, sendo a masturbação infantil mais frequente por volta dos 4 anos.

A criança manipula seu corpo e “descobre” que tocar nas genitálias é algo que dá prazer. A chamada masturbação infantil é, geralmente, pública e egocêntrica, isto é, ocorre na frente de qualquer pessoa e ela age assim visando seu próprio prazer (e não o de outras pessoas). Tampouco ela age assim para desagradar adultos ou chocar as pessoas, porque a criança nessa idade ainda nem assumiu plenamente as regras sociais.

Além da masturbação infantil, ocorrem também os jogos sexuais (ou chamadas brincadeiras sexuais) na infância, quando as crianças, meninos e meninas, se juntam para falar, tocar e mostrar seus corpos uns aos outros. São brincadeiras que favorecem os toques, como brincar de médico, brincar de luta. Algumas brincadeiras, aparentemente sem a intenção sexual, são situações que ocasionam toques e olhares sobre o próprio corpo e o do outro: pega-pega, dança, fazer cócegas etc.

Essas expressões da sexualidade, tão comuns na infância, são saudáveis se cumprem o papel de fortalecer a identidade, aumentar a autoestima, gerar sensações prazerosas. Elas tendem a diminuir ou serem substituídas por outras brincadeiras e comportamentos quando as crianças começam a crescer e a se interessar por outras coisas menos egocêntricas. Por volta dos 8 anos, separam-se para as brincadeiras (meninos com meninos e meninas com meninas) e já começam a entender as regras sociais.

Nesse período, o adulto educador – seja ele pai, mãe, professor ou outras pessoas adultas –, deve compreender o quanto essa expressão é saudável e importante. Devemos orientar sobre higiene, evitar riscos e o envolvimento com crianças maiores, pois isso pode representar uma violência, sobretudo, ensinar sobre noções do público e privado e respeito ao outro.

É preciso estar atento que não se regula, nem se proíbe “que o corpo sinta prazer”, mas se regulamente a necessidade de responder às regras sociais de como esse prazer pode ser sentido de modo respeitoso e saudável. Por exemplo, não se diz a uma criança: “-Isso é feio, tire a mão daí!”. Isso pode levar a criança a compreender que ela própria é “feia” ou seu corpo é “feio” ou, ainda, que sentir prazer é algo “ruim”. A mensagem para a criança deve ser no sentido de levá-la a compreender que o corpo pode trazer sensações prazerosas, mas que elas devem ser sentidas em lugares apropriados, por exemplo: “- Eu sei que tocar o corpo é bom, mas precisa ser feito por você, em um lugar só seu, como quando você faz xixi e coco, por exemplo, e agora, na escola, estamos fazendo outra atividade”.

Adicionalmente, quando as crianças manifestam a sexualidade em comportamentos, elas também fazem muitas perguntas. São curiosas em tudo e, também, nas questões da sexualidade. Por isso, é preciso responder sempre a verdade de modo simples, pois elas tendem a se aproximar e a dialogar com adultos confiáveis. É importante conversar com sinceridade com as crianças, evitando mentiras, histórias fantasiosas, meias palavras e ameaças. Como elas já recebem informações sobre sexualidade e sexo nas conversas com outras crianças, nas imagens e

mensagens na televisão, muitas vezes de modo deturpado e equivocado, é importante garantir os esclarecimentos corretos por parte dos adultos, mesmo que a criança só possa compreender muitas questões, de fato, quando estiver mais amadurecida.

A educação *sexual* na infância é fundamental para desenvolver adolescentes e adultos saudáveis e menos ansiosos sobre as questões do corpo e também para prevenir situações de abuso sexual. Crianças bem informadas tendem a perceber e se proteger mais da violência. Além disso, tendem a não reproduzir comportamentos de discriminação e violência, sofrer com a necessidade de corresponder aos padrões estéticos etc. Uma educação sexual sólida e respeitosa na infância ajuda os adolescentes a lidarem melhor com seus corpos e dúvidas, promove a emancipação de adultos e idosos que poderão vivenciar plenamente sua sexualidade e assumir o relevante papel como educadores sexuais.

2.2 Sexualidade na Adolescência

Figura 4 – Adolescentes



Após a fase da infância, os hormônios sexuais e do crescimento se ativam e o corpo passa por muitas modificações físicas, alterando, também, sentimentos e sensações. É a chamada puberdade que, embora se refira a mudanças no corpo, tem implicações psicológicas e sociais na vida do adolescente.

Na puberdade, o corpo entra em crescimento e amadurecimento acelerado e a sexualidade ganha novo sentido. Os vínculos afetivos se ampliam das relações familiares e círculo de amigos para os encontros amorosos e sexuais e, o corpo, já apto para a reprodução, vivencia nossos aprendizados.

Podemos comparar as mudanças que ocorrem no corpo durante a puberdade com as mudanças de um corpo na gravidez, pois rapidamente há tantas transformações corporais e sentimentais, que não sabemos bem como lidar com isso. Algumas pessoas vão reagir satisfeitas: vangloriam com o corpo crescendo, os pelos aparecendo, anseiam pela menstruação etc. Outras, no entanto, reagem negativamente, com muita insatisfação, vergonha, escondem-se em roupas largas, mostram-se retraídas. Muitas dessas reações estão relacionadas com nossa infância, o quanto estamos preparados, com informações e sentimentos de autoestima para lidar com tantas transformações, nem sempre formando o corpo que “desejamos”.

São muitas as mudanças que ocorrem e elas não são iguais aos dos colegas púberes (aqueles que as pessoas convivem e comparam diariamente). Nas meninas, essas mudanças chegam uns dois anos antes do que nos meninos, afastando ainda mais uns dos outros nessa fase da vida. Basicamente, a puberdade significa a passagem do corpo não reprodutivo para o corpo reprodutivo. Veja no Quadro 1 as principais mudanças para meninos e meninas nessa fase.

Quadro 1 - Mudanças físicas no corpo de meninos e meninas que ocorrem na puberdade.

MUDANÇAS FÍSICAS DO CORPO NA PUBERDADE	
MENINAS	MENINOS
<ul style="list-style-type: none"> • Seios desenvolvem e aumentam de tamanho; • Aumento de gordura na pele (espinhas) e suor; • Crescimento geral e alargamento do quadril; • Crescimento de pelos debaixo do braço e na região genital; • Menarca: primeira menstruação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança voz; • Aumento de gordura na pele (espinhas) e suor; • Crescimento geral (cartilagens, extremidades, pênis); • Tórax se desenvolve; • Crescimento de pelos debaixo do braço, na região genital e no rosto (barba); • Testículos se desenvolvem e produzem espermatozoides: poluição noturna e primeiras ejaculações.

Fonte: Elaboração do próprio autor.

No campo da afetividade e sexualidade, o corpo crescido também gera novas sensações: ereções penianas, lubrificação vaginal, o desejo sexual aparece fortemente, direcionado para pessoas do sexo oposto ou não, e muitas dúvidas surgem: “Será que sou normal?”, “Será que sou desejável?”, “Será que sou bonito?”, “Será que sou gay?”. Muitos momentos da vida dos adolescentes são voltados para essas dúvidas e inquietações e, às vezes, essas preocupações são mais fortes do que as escolares, tais como uma profissão futura, ou a tarefa de matemática que precisa ser feita ou, ainda, o valor da conta de luz de uma casa etc.

A prevenção, então, é importante. Os adolescentes se sentem invulneráveis e, muitas vezes, agem de modo inconsequente, movido a paixões, ilusões, imediatismos, têm sentimentos de ousadia, carecem de informações, têm incapacidade de planejar o futuro etc. Por isso, nessa etapa do desenvolvimento, aumentam-se os riscos de contágio do vírus da AIDS e de doenças sexualmente transmissíveis, de uma gravidez indesejada etc. Não é o “sexo” que é ruim, mas os jovens precisam aprender a viver a vida sexual com responsabilidade.

Garantir a saúde sexual e reprodutiva oferecendo educação sexual aos jovens que precisam aprender a cuidar do próprio corpo, estabelecer vínculos amorosos e sexuais saudáveis, ter atitudes conscientes que previna uma gravidez indesejada ou o contágio de doenças para que possam usufruir de forma gratificante e plena a sexualidade são responsabilidades que devem ser divididas entre todos os que convivem com essa população. É importante ensiná-los a ter uma vida sexual saudável e, ao mesmo tempo, prazerosa.

2.3 Sexualidade de pessoas com deficiência

Figura 5 – Casal



Falamos rapidamente sobre a sexualidade no desenvolvimento humano, enfatizando a infância e a adolescência, que é o período em que os estudantes estão na escola. É preciso considerar que todos os estudantes, também aqueles que tenham alguma deficiência, vão manifestar sua sexualidade! A sexualidade é inerente ao ser humano e faz parte do desenvolvimento.

A puberdade vai ocorrer para todas as pessoas: para as com surdez, com deficiência visual, com redução da mobilidade, com transtorno global do desenvolvimento, com deficiência intelectual. Nada impede o corpo de crescer, de se desenvolver, mesmo que isso gere maior ou menor preocupação nessas pessoas ou em seus familiares.

Nenhuma limitação, característica pessoal ou dificuldade faz dessas pessoas “assexuadas”, pois elas serão homens e mulheres, seres de desejo, que têm o corpo erótico e, na maioria das vezes, como qualquer um, têm a capacidade reprodutiva preservada. Podem ou não ter relações sexuais satisfatórias, estabelecerem vínculos amorosos, com as dificuldades e prazeres que têm qualquer outra pessoa. O exercício da sexualidade é um direito que deve ser assegurado às pessoas com deficiência.^{nota 1}

Também vivem a fase das descobertas, dúvidas e anseios, acrescido de uma condição estigmatizante que pode dificultar ainda mais esse processo, diminuindo a autoestima e gerando sentimentos agressivos ou de retraimento em relação ao grupo. Por isso, é importante uma atenção especial por parte dos adultos, entendendo que, assim como os demais, os estudantes com deficiência vivem sua sexualidade na escola e necessitam de informação, esclarecimento, diálogo, o que caracteriza uma educação sexual adequada.

Saiba Mais!

Para conhecer algumas pesquisas sobre a sexualidade de pessoas com deficiências, leia os artigos:

MAIA, A. C. B. A Sexualidade após a lesão medular: análise de uma narrativa biográfica. *Interação em Psicologia (Online)*, v. 16, p. 227-237, 2012.

MAIA, A. C. B.; CAMOSSA, D. A. Relatos de jovens deficientes mentais sobre a sexualidade através de diferentes estratégias. *Paidéia*, v.12 (24), p. 205-214, 2003.

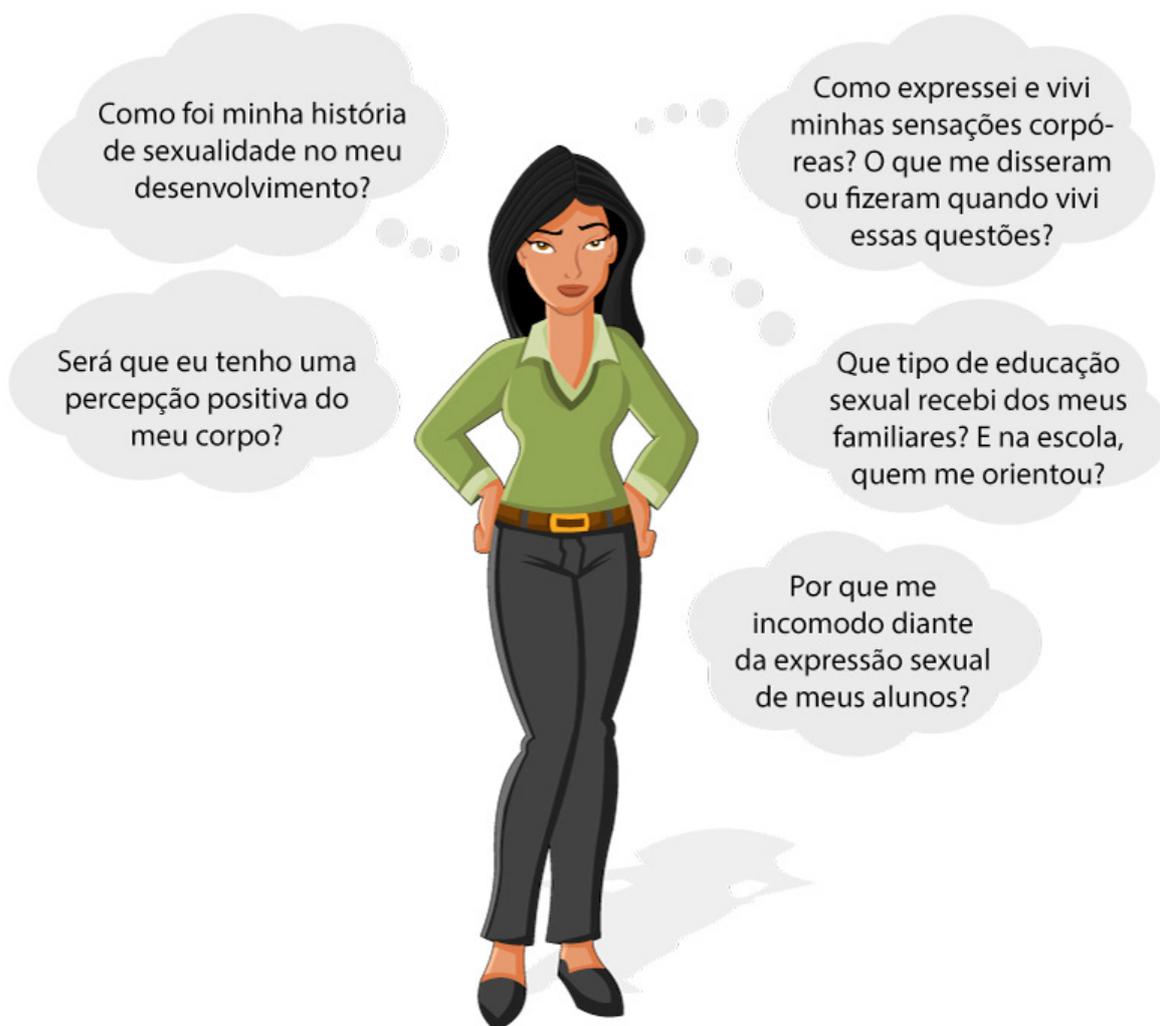
MAIA, A. C. B. Educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 6, p. 84-115, 2011.

CURSINO, H. M.; RODRIGUES, O. M. P. R.; MAIA, A. C. B.; PALAMIN, M. E. G. Orientação sexual para jovens e adultos com deficiência auditiva. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 12, n.1, p. 29-48, 2006.

3 Educação Sexual: como lidar com a sexualidade

A educação sexual é um processo constante. Ela pode ocorrer de modo *não intencional*, nas mensagens cotidianas que cada sociedade e cada cultura, presente nos discursos familiares, religiosos, midiáticos (músicas, programas de televisão), nos comentários diversos etc. Outro modo de educação sexual é a *intencional*, quando, de modo planejado e organizado, pretende-se informar sobre sexualidade. Também chamada antes de “Orientação Sexual”,^{nota 2} essa educação sexual seria um processo sistematizado e formal, e desde 1996 é previsto como um tema transversal proposto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), publicado no volume 10 dos Parâmetros Curriculares Nacionais,^{nota 3} que recomenda ao professor que assuma a tarefa da educação sexual no contexto da escola.

Para ser um educador sexual eficiente é preciso que: reconheça que a sexualidade pode ser tratada na escola de modo pedagógico, tenha conhecimento básico sobre sexualidade no desenvolvimento humano e reflita sobre sua própria história de educação sexual, contemplando algumas questões:



Já vimos que as crianças e adolescentes manifestam sua sexualidade no contexto da escola diariamente. Estar atento a essas manifestações ajudam a não reproduzir uma educação que é muito comum: silenciosa, omissa, moralista e conservadora ou libertária e permissiva demais. O diálogo é uma estratégia facilitadora: significa saber falar e também ouvir! Os valores da família, religiosos ou não, são inegáveis e todos têm suas crenças, inclusive os professores.

O diálogo e o esclarecimento envolvem a informação com reflexão, sem que as pessoas deixem de acreditar e seguir aquilo que as tornam mais felizes. Contudo, isso não significa que nossos valores tenham que ser impostos às outras pessoas, mesmo com as melhores intenções. Falar de sexualidade com crianças e jovens não implica que os estudantes sigam as regras *pessoais* dos professores nem que esse diálogo seja pautado em senso comum e “achismos”. O tema da sexualidade está em toda parte e, nem por isso, falar sobre as questões do corpo e do sexo é algo fácil, pois reflete toda nossa história de vida.

Devemos, como educadores, ajudar as crianças e jovens em formação, a aprenderem a ter autonomia também nas questões sexuais. Faz parte de nossas tarefas ensiná-los a escolher suas atitudes, compreendendo as consequências, que eles respeitem a si mesmos e aos demais, que eles não sofram atendendo a padrões sociais, como tipo de relacionamentos, orientação sexual, estética etc. Eles devem perceber a sexualidade como um fenômeno que vai além do orgânico, pois o corpo sexuado se desenvolve num contexto social e histórico que influencia diretamente naquilo que acreditamos ser o mais correto, funcional ou saudável.

A escola nunca será neutra nas questões da sexualidade e o professor, querendo ou não, precisa assumir sua responsabilidade na formação dos estudantes, também no que diz respeito à sexualidade. Assim, diante das diferentes manifestações da sexualidade dos estudantes mais novos e jovens na escola, algumas orientações são indicadas para ajudar aos educadores a lidar com a questão:

- Compreender os comportamentos sexuais como manifestações típicas da sexualidade *de todas* as crianças e adolescentes, tendo elas uma diferença ou uma deficiência ou não;
- Entender que as manifestações sexuais, geralmente, não ocorrem por indisciplina ou desacato, mas porque é uma questão importante e prazerosa;
- Observar o que é legítimo e possível no espaço da escola e o que não seria adequado por se tratar do ambiente escolar (noção de público e privado e respeito às regras sociais);
- Não julgar sem entender o que aconteceu, como, onde e por quê?
- Dialogar sempre. Perguntar: por que isso aconteceu? O que os envolvidos pensam sobre o ocorrido? Quais as consequências dessas ações?;
- Valorizar qualquer pergunta ou curiosidade e responder de forma simples e direta;
- Muitos comportamentos dos estudantes ocorrem por falta de esclarecimentos e informações e, também, por terem poucas oportunidades de falar sobre o assunto;

- Se o educador não se sentir capaz ou confortável para dialogar, procurar ajuda de algum colega, coordenador na escola ou profissional;
- Não repreender e punir de modo generalizado, como se todo o corpo sexuado fosse “o” problema;
- Tentar sempre resolver a situação dialogando com os próprios estudantes, especialmente quando se trata de jovens. Chamar outra pessoa pode interferir e gerar um problema que poderia nem existir;
- Chamar os pais para “reclamar” comportamentos sexuais típicos da idade deve ser evitado, pois os familiares podem entender como uma reclamação da escola e atuarem de modo repressivo em casa. Por outro lado, em alguns casos, como suspeita de violência ou agressão, é preciso chamar os familiares para resolver a questão coletivamente, com todo o cuidado que o fato requer;
- Se necessário, planejar ações de intervenção com programas de educação sexual aos estudantes em grupos em que todos possam participar. A escola deve comunicar a família sobre esses projetos e, se possível, contar com eles em parceria. Se a educação sexual fizer parte do projeto pedagógico da escola não é necessário “autorização” dos pais, mas a sua anuência e colaboração são importantes;
- O educador deve dialogar e orientar sem usar para isso seus valores pessoais e/ou religiosos;
- Respeitar sempre a diversidade de seu alunado e familiares, pois na escola convivem diferentes estudantes e famílias: alunos homossexuais, transexuais, meninas grávidas, filhos de casais homossexuais etc.
- Em caso de estudantes com doenças crônicas, HIV positivo, com deficiência etc., considerar a necessidade de um profissional específico que ajude nas informações, que possam contribuir com formas mais adequadas de como ajudar esses estudantes.

Enfim, ajudar os estudantes a lidar com as mudanças da sexualidade, típicas do desenvolvimento humano, colabora para que eles possam aprender melhor as disciplinas acadêmicas e desenvolvam plenamente a condição sexual, pois ela faz parte integral de todo ser humano e, por isso, não pode ser deixada do lado de fora da sala de aula, nem dos muros da escola!

Bibliografia consultada

CARDOSO, A. M. S. C.; BRITO, M. M. F. L. *A Educação afetivo-sexual na infância e na adolescência: um diálogo entre educadores*. Belo Horizonte: Lê, 2012.

MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Orgs). *Sexualidade e Infância*. Cadernos Cecemca. Bauru, Unesp; Brasília: MEC, 2005.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para ação. *Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação*, v. 15, p. 41-51, 2011.

MAIA, A. C. B. *Inclusão e Sexualidade na voz de pessoas com deficiência física*. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2011. v. 1.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. *Revista Psicopedagogia online - Educação & Saúde*, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/LLzdgx>>. Acesso em: 27 abr. 2014.

NUNES, C.; SILVA, E. *Sexualidade(s) Adolescente(s): uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência*. Florianópolis, SC: Editora SOPHOS, 2001.

SILVA, M. C. P. (Org.). *Sexualidade começa na infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SPAZIANI, R. B ; MAIA, A. C. B. *Guia de educação sexual para educadores(as): como conversar sobre sexualidade com crianças de zero a seis anos (Manual Informativo)*. 1ª ed. Bauru: Editora Power Graph, 2011. v. 1.

WEREBE, M. J. G. *Sexualidade, política e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

Crédito das ilustrações:

Figura 1 (p.2): Componentes da Sexualidade Humana. Elaboração da própria autora.

Figura 2 (p.4): Envelhecimento masculino e fêmea. © Oguzaral | Dreamstime.com.

Figura 3 (p.5): Crianças brincando. NEaD/Unesp.

Figura 4 (p.7): Grupo de miúdos da escola. © Thomas Perkins | Dreamstime.com.

Figura 5 (p.9): Casal. NEaD/Unesp.

Figura 6 (p.11): Cartoon business people. © Deniscristo | Dreamstime.com

Notas

Nota 1

Para mais informações, consultar a cartilha “Direitos Sexuais e Reprodutivos na integralidade da atenção à saúde de pessoas com deficiência” (BRASIL, 2009). Disponível em:

<<http://goo.gl/XIY1Wc>>.

<[voltar para o texto](#)>

Nota 2

Não utilizamos a expressão “orientação sexual” para designar propostas intencionais de educação em sexualidade por se tratar de uma expressão que se relaciona ao desejo e à prática sexual: homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade etc. Atualmente, muitos autores têm revisto essa nomeação propondo no lugar “educação sexual”, “educação em sexualidade”, “educação afetiva e sexual”, “educação para a sexualidade” etc.

<[voltar para o texto](#)>

Nota 3

Para acessar na íntegra o volume 10 - Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), acesse: <http://goo.gl/HzSPc5>.

<[voltar para o texto](#)>